

O Núcleo Megalítico de Fiais/Ameal: problemas e perspectivas

José Manuel Quintã VENTURA *

Resumo

Passam-se em revista os dados adquiridos nos últimos 8 anos de investigação arqueológica, na bacia do Médio e Alto Mondego, no âmbito do megalitismo.

Tomando como ponto de partida, as informações existentes para o principal núcleo megalítico identificado na região, o de Fiais/Ameal, tecem-se considerações sobre a sua implantação na paisagem e importância.

As primeiras conclusões, indicam-nos uma certa preocupação espacial, por via da ocupação das diversas cristas de terreno sobranceiras ao Mondego. O seu início terá ocorrido por volta do princípio do IV milénio A.C. com a construção de pequenos monumentos de curta duração de utilização, se tivermos em conta as suas funções sepulcrais. Seguidamente, o núcleo será ampliado com a construção de diversos monumentos, de maiores dimensões, envolvendo um maior esforço de mão-de-obra e que, a julgar pelos dados disponíveis, teriam uma longa duração de ocupação/utilização.

Tal corresponde a um modelo de *necropolização* do espaço, desenvolvendo-se no sentido de uma *monumentalização da paisagem*, implicando o aumento da influência dos monumentos na organização do espaço, simbólico e profano, por via da sua multiplicação, evoluindo, no sentido arquitectónico, do simples para o complexo, entendido este, sobretudo, como um maior esforço humano disponibilizado para a sua construção.

Abstract

In this paper we present an analysis of the work done throughout the last 8 years on the "megalithism" in the middle and high Mondego basin. Starting with the data available for the main megalithic nucleus identified in the region, designed as Fiais/Ameal, we discuss problems concerning their implantation and importance in space.

The first results indicate that the locations where the monuments were built had been carefully and purposefully selected. The predetermined implantation of the monuments on the high ridges above the Mondego river would allow them to control the entire territory. In the beginning, about the start of the IV millennium BC. we see the construction of small monuments, with a short duration of utilisation if we considered only its burial function. These were replaced by larger monuments, with a longer duration of use, involving a greater effort in terms of man-power by the human communities.

This corresponds to a model of *necropolization* of the space, developing what we call *spatial monumentalization*. This might imply a greater control over the territory, either in its symbolic or profane meaning, through the multiplication of the megalithic monuments, starting with simple forms until the emergence of the large monuments.

* Licenciado em História e História, Variante de Arqueologia pela F.L.U.L., Investigador do *PEABMAM*. Rua Dr. Ricardo Jorge, 5, 13º Esq., Venda Nova, 2700 AMADORA, PORTUGAL.

1. Uma das vertentes da investigação desenvolvida no âmbito do PEABMAM, desde 1985, procura compreender, num espaço bem definido (particularmente centrado na plataforma do Mondego, entre este e o Dão) o fenómeno megalítico nas suas mais diversas vertentes. Numa primeira fase, que decorreu entre 1985 a 1986, procurou-se relocalizar os diversos monumentos que haviam sido detectados anteriormente (MOITA, 1966: 256-62) e alargar a prospekção a novas áreas.

A partir de 1986-87, paralelamente ao estudo dos monumentos já detectados, iniciou-se uma fase de prospekção intensiva em toda a área, de molde a localizar não só novos monumentos, como também sítios de habitat, correlacionáveis com as etapas de ocupação do "espaço megalítico" então identificadas nos diversos monumentos escavados para a existência dos quais tínhamos sido alertados com a descoberta do sítio do Ameal-VI (SENNA-MARTINEZ, 1989a, no prelo a., c. e d., VENTURA, 1993).

Assim no decorrer desta última etapa, foram detectados um total de 14 novos monumentos megalíticos e 7 habitats no espaço já referido. Iniciaram-se assim novas vertentes de trabalho, uma centrada nos monumentos e outra nos locais de habitat. Estas duas vertentes longe de se desenvolverem em direcções opostas, pelo contrário, decorrem num processo de complementaridade, para o estudo da evolução da paisagem humana e da sua transformação ao longo do período a que estas ocupações se reportam.

2. A área aplanada, rasgada pelo vale do Mondego, onde se situam os sítios arqueológicos em análise, é constituída, a nível geomorfológico, maioritariamente por granitos, ainda que esporadicamente, estes sejam, atravessados por filões quartzosos. O granito surge nas suas variedades de monozonítico de duas micas e biotítico de grão médio a

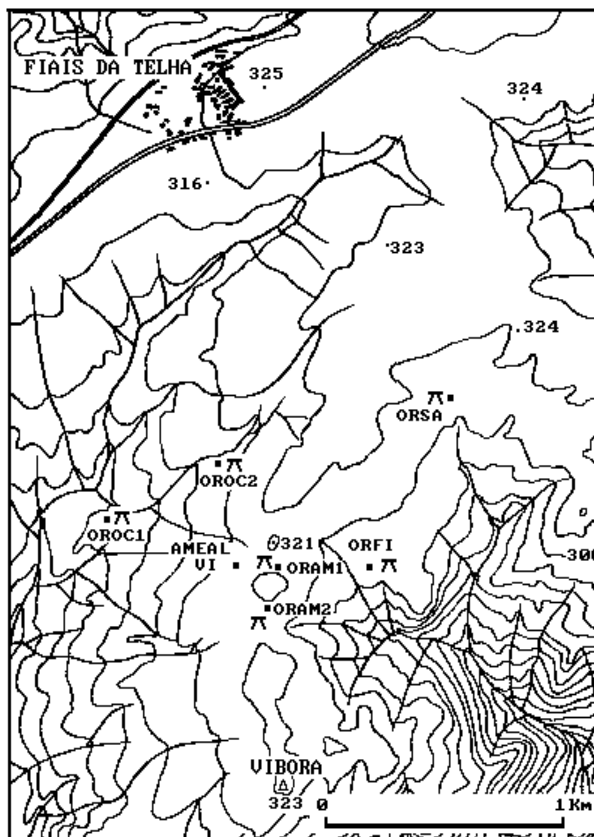


Figura 1 - Localização dos sítios referenciados no texto: Orcas 1 e 2 de Oliveira do Conde (OROC1 e OROC2); Orcas 1 e 2 do Ameal (ORAM1 e ORAM2); Orca dos Fiais da Telha (ORFI) e Orca do Santo (ORSA)

fino. Os depósitos de cobertura, são formados por argilas e arcoses diversas (TEIXEIRA, 1961:8-9).

Quanto aos solos, dominam os cambissolos húmicos, (cf. "Carta dos Solos", *Atlas do Ambiente*, II.1, 1978), geralmente pouco profundos e extremamente ácidos, variando o *Ph* entre 4.5 e 4.6, formando algumas manchas de solos de "Classe A", mas com domínio das de "Classe C e F" (cf. "Carta de Capacidade de Uso do Solo", *Atlas do Ambiente*, III.3, 1978).

Quanto à cobertura vegetal, os dados disponibilizados por Janssen (JANSSEN, 1981 e 1985), apontariam fundamentalmente, para o 4º a 3º milénio A.C., para um revestimento constituído por carvalhos (*Quercus pyrenaica Willd.*), azinheiras (*Quercus rotundifolia Lam.*), o teixo (*Taxus baccata L.*) e de alguns raros pinheiros bravos (*Pinus pinaster Ait.*), complementada por uma vegetação rasteira constituída maioritariamente por esteva (*Cistus ladanifer L.*) giestas (*Lavandulo-Cytisetum multiflori Br.-Bl.*) e fetos (*Pteridium aquilinum L. Kuhn*) (SILVA, *et alii*, 1980). Actualmente, esta vegetação original, foi em grande parte substituída por pinheiro e ultimamente pelo eucalipto.

3. Como já afirmámos anteriormente (VENTURA, 1993) o megalitismo deve ser entendido não como um fenómeno complexo, mas sim como fenómenos complexos, correspondentes às diversas soluções que regionalmente e supra-regionalmente se desenvolveram no seio da dita realidade megalítica, que se encontra muito longe de ser uniforme (JORGE, 1989: 365-66). Há aqui, também, a necessidade de o investigador se "afastar da árvore, para poder entrever a floresta". Assim, como já foi observado para outras áreas regionais (SILVA, 1993), também no território em estudo, os monumentos de cariz megalítico, não surgem isolados, mas sim integrados em núcleos e em necrópoles.

No caso do núcleo em estudo, o de Fiais/Ameal (VENTURA, 1993: 18-19) e em relação às tipologias das estruturas destes monumentos, estamos perante sepulcros com câmaras megalíticas de formato poligonal ou sub-poligonal, tendo pelo menos 2 dos monumentos, do núcleo em estudo, corredor desenvolvido ou longo, com pelo menos cerca de 6 a 7 metros (calculado para o caso da Orca 1 de Oliveira do Conde), enquanto 2 dos sítios apresentam câmaras abertas mas sem corredor. Quanto às mamoaas, estas são constituídas, em geral e para os casos estudados, por um contraforte e um anel lítico exterior, estando o espaço entre eles preenchido por terras da mamoa. Existem ainda 2 monumentos (Orca 2 de Oliveira do Conde e Orca do Santo) em que os dados disponíveis ainda não nos permitem definir o tipo de estrutura central, no entanto, tudo parece indicar a não existência, até ao momento, de soluções funerárias "não megalíticas sob mamoa" como ocorre noutras áreas (cf. CRUZ, 1988, 1992; JORGE, 1990 e SILVA, 1989 e 1993),

Perante esta aparente homogeneidade estrutural, que não impede um certo polimorfismo formal, levantam-se algumas questões, as que se prendem com a localização dos monumentos e as relacionadas com a sua possível hierarquização na paisagem, com a implantação dos de maiores dimensões ou com maior carga simbólica - pinturas ou estruturas externas - em espaços privilegiados.

Quanto ao primeiro item, em relação à altimetria, observando o Quadro I, aparentemente não existe nenhum monumento que assuma uma posição de destaque, antes pelo contrário, já que estes se distribuem por cotas situadas entre os 299 e os 320 metros de altimetria e que a análise no terreno também não lhes confere nenhum papel de destaque,

a não ser que todos eles se localizam, sem excepção, ao longo das cristas de terreno sobranceiras ao grande curso fluvial, que é o Mondego.

Quadro I - Distribuição Altimétrica dos tumuli

(cf. VENTURA, 1993)

Monumento	Tipo	Cota
Orca 1 de Oliveira do Conde	Dólmen de Corredor	299
Orca 2 de Oliveira do Conde	indeterminado	305
Orca 1 do Ameal	Dólmen simples aberto	315
Orca 2 do Ameal	Dólmen simples aberto	320
Orca dos Fiais da Telha	Dólmen de Corredor	302
Orca do Santo	indeterminado	319

Mas no que se refere à localização horizontal, verifica-se que o núcleo se organiza em leque, no sentido noroeste-nordeste, tendo como centro o conjunto das Orcas do Ameal - ORAM1 e ORAM2 (cf. Fig. 1).

Ora, estes dois monumentos configuram-se como sendo os mais antigos do conjunto, quer através da sua estrutura megalítica - câmaras simples abertas (Tipo II de CRUZ, 1992: 70) - quer através do seu espólio, que parece apontar, pelo conjunto recuperado em ambos monumentos, para um momento arcaico, dentro do megalitismo regional. Assim a construção destes sítios, pela similaridade com os contextos encontrados nos níveis de base dos monumentos 1, 2 e 3 da necrópole do Carapito e na Orca de Pramelas, aponta, com todas as ressalvas possíveis, para a inserção numa etapa situada entre o fim do último quartel do V milénio e o primeiro quartel do IV milénio A.C.¹ (SENNA-MARTINEZ, 1989a, 1989b, no prelo c. e d.; VENTURA, 1993, no prelo b. e c.).

4. Pelo já dito anteriormente, verifica-se neste núcleo a tendência, igualmente observada em diversas áreas regionais (JORGE, 1986 e SILVA, 1993), para que a implantação dos sepulcros megalíticos assumam, teoricamente, uma posição de destaque na paisagem, no nosso caso sobranceira ao Mondego controlando vias tradicionais de acesso e passagem, servindo alguns, ainda actualmente, como pontos de referência, indicadores de divisão de propriedade ou mesmo marcos de velhos caminhos rurais.

No entanto, outros problemas se levantam, nomeadamente os respeitantes à operacionalidade de um modelo que defende que certos monumentos, em especial aqueles que ocupariam posições "altaneiras", deteriam um carácter simbólico de estruturação do território dos grupos que os edificaram.

Em primeiro lugar há que analisar caso a caso, ou seja núcleo a núcleo, integrando estes na realidade que os circunda e depois efectuar a análise no terreno tendo em consideração a cobertura vegetal da época, através das reconstituições paleobotânicas. Assim para o nosso caso, com a actual cobertura vegetal que, conquanto qualitativamente diferente, não deve ser muito menos densa do que a existente ao tempo da constru-

¹ Refira-se aqui que as últimas datas disponíveis para o Monumento 1 do Carapito [OxA-3733 5125±70 BP e To 3336 5120±40 BP. cf. CRUZ & VILAÇA. no prelo.] vêm comprovar mais uma vez esta hipótese cronológica para os momentos iniciais do megalitismo regional.

ção/utilização destes sítios (JANSSEN, 1981 e 1985), esta possível visibilidade é seriamente comprometida, sendo mesmo nula do centro do núcleo para os monumentos que se situariam na sua periferia, a não ser que existisse uma "limpeza", com uma certa regularidade, das áreas circundantes.

Em termos de evolução cronológica, teremos a fundação do núcleo com a construção dos dois primeiros monumentos - Orcas 1 e 2 do Ameal que, pelas suas características, não se destacam na paisagem sendo mesmo como que absorvidos por esta - possivelmente utilizados durante um curto período de tempo. Posteriormente, pelos dados existentes (SENNA-MARTINEZ, 1989a, 1989b, no prelo c. e d.) assistir-se-ia à construção, na periferia destes dois monumentos, de sepulcros de maiores dimensões, alguns deles de corredor desenvolvido (caso da Orca 1 de Oliveira do Conde e Orca dos Fiais da Telha), que envolveriam um maior investimento de tempo e mão-de-obra, implicando logo um maior esforço do grupo ou dos grupos humanos envolvidos. Estes monumentos corresponderiam ao apogeu do megalitismo regional e seriam caracterizados pela longa duração da sua utilização, ao contrário dos primeiros monumentos caracterizados pela curta duração.

Recentemente tem-se vindo a aceitar a tendência (CRUZ, 1988, 1992; JORGE, 1986, 1989 e SILVA, 1993), discernível em diversas áreas regionais, para uma evolução das estruturas arquitectónicas, que longe de ser linear, se processa, normalmente, no sentido das formas simples para formas monumentais, entendidas na relação de mão-de-obra envolvida e tempo despendido para a construção de tal tipo de sepulcros e de todas as estruturas anexas, tais como átrios dianteiros, etc.

Assiste-se a uma multiplicação de monumentos de diversas tipologias, indiciando um processo de "sacralização do espaço", que se inicia exactamente pela construção de pequenos monumentos, pouco destacados na paisagem, que possivelmente seriam absorvidos integralmente pelas mamoaes que os envolviam, passando para a construção de monumentos que, ainda que tipologicamente afins dos primeiros, se destacariam pela imponência das suas estruturas, concentrando em si uma maior quantidade de mão-de-obra e tempo despendido para a sua edificação.

Assistimos assim a uma *Monumentalização da paisagem*, que não deve ser confundida com a *monumentalização* do monumento (cf. JORGE, 1986: 235). Este processo inserir-se-ia na confirmação e reforço da função simbólica da paisagem cultural, do espaço utilizado pelo grupo construtor/utilizador de tais monumentos, através da *necropolização*, que se efectuará em diversas etapas, tanto como parece ocorrer no Núcleo de Fiais/Ameal.

Será interessante sublinhar que a utilização deste tipo de monumentos ocorre possivelmente quando os monumentos da etapa anterior perdem qualquer função de carácter funerário, não sendo claro, no entanto, se esta decorre da construção do(s) grande(s) monumento(s) ou acontece em momentos antecedentes. A perda da função sepulcral, por parte dos pequenos monumentos, não implica a perda total de operacionalidade dos referidos monumentos, já que muitos deles manteriam uma função, enquanto pólos organizadores dos territórios (JORGE, 1986, 1989 e RENFREW, 1983), mantendo-se através da realização de rituais unificadores e reguladores do grupo e da paisagem, isto é, da sua função de santuário. No entanto, no nosso caso específico, ainda não detectámos no registo arqueológico, qualquer traço desta actividade nos pequenos monumentos, ainda

que nos grandes monumentos esta se encontra razoavelmente documentada², demonstrando que, mais do que sepulcros, as mamoadas devem ser entendidas como santuários de longa duração, cuja existência ultrapassa muitas vezes o carácter com que originalmente foram sacralizados.

Cria-se deste modo uma *Paisagem Cultural*, já que se pretende ver nestes núcleos e/ou necrópoles, o resultado de uma expressão simbólica, inscrita pelos grupos humanos no espaço geográfico, que polarizaria nestes territórios concepções de uma actividade simbólica e possivelmente de inter-relação grupal.

Será de considerar também que, possivelmente a partir deste momento, os monumentos megalíticos possam também corresponder a marcos territoriais e a pólos de dinamização inter-grupo, devido ao esforço desenvolvido na sua construção, daí que a sua implantação poderá corresponder às novas concepções que se desenvolvem e que a localização dos povoados dos utilizadores (SENNA-MARTINEZ, 1989a, no prelo c. e d.) bem dentro do espaço operacional dos núcleos megalíticos, vem mais uma vez corroborar um modelo em que estes monumentos surgem como os organizadores da paisagem ao invés dos povoados, como parece ocorrer em momentos posteriores (VALERA, 1993).

Quer-nos parecer que o caso da Serra da Aboboreira, no actual estado das investigações, detém em si múltiplas questões, já que não deve ser visto como um espaço de significação linear, no contexto simbólico das comunidades que a usaram, mas sim como uma paisagem supra-estruturada, de significação múltipla, possivelmente caso único no nosso território, em que diversas comunidades em redor, sem dúvida ultrapassando largamente o espaço operacional dos seus próprios territórios, se deslocam para um local especial, que aqui pode ser entendido como um *axis mundi*, no qual edificam/utilizam as diversas estruturas megalíticas, na continuidade de uma tradição milenar. Para tal hipótese avulta, que num dos poucos territórios intensamente prospectados do nosso país, se tenham encontrado tão poucos vestígios de habitats, sabendo nós, que na maioria dos casos, na periferia destas necrópoles e bem dentro do núcleo se encontram os habitats dos construtores/utilizadores, que nos casos conhecidos correspondem a um povoamento de carácter disperso (SENNA-MARTINEZ, no prelo c. e d.).

5. Em comunidades estruturadas em torno de laços de parentesco ou de associativismo (RENFREW, 1983), tais como parecem ser as sociedades megalíticas peninsulares, os mortos não são um elemento exógeno à sociedade e como tal os rituais funerários, quaisquer que eles sejam, apresentam-se como o culminar de um comportamento consciente e inconsciente, que passa não só por um comportamento social, da apropriação de um território, quer como espaço físico e/ou simbólico, onde se desenrolariam diversas actividades (paisagem cultural), quer como uma forma de perpetuação e de comunicação de um saber contido num espaço restrito, vedado, inacessível e inalterável - o sepulcro - que transmite diferentes mensagens a diversos tipos de audiência, que permitiriam a criação, manutenção e transformação da ordem sócio-simbólica ao longo do espaço e do tempo. Esta apropriação do território intensificar-se-ia com o aumento demográfico e com o aumento da concorrência por determinado espaço, obrigando a desenvolvimento de formas, que resultaram na *monumentalização da paisagem*, por via da multiplicação dos monumentos no território, em núcleos e necrópoles.

² Vejam-se, por exemplo, as situações do Dólmen 1 dos Moinhos de Vento e da Orca do Outeiro do Rato (SENNA-MARTINEZ, 1989a e SENNA-MARTINEZ & AMARO 1987b).

Os núcleos procuram no seu modelo de implantação, locais facilmente referenciáveis na paisagem, "dominando" ou melhor ainda, constituindo pólos aglutinadores e de referência geográfica, em zonas que são ainda actualmente vias tradicionais de acesso e passagem.

Assim a arquitectura megalítica, como uma manifestação simbólica de largo espectro de aceitação, especialmente no aspecto da sua evolução para o monumental, revela uma marca de afirmação, de posse da paisagem, como símbolo de comunicação da comunidade dos mortos ao mesmo tempo que se afirma como sinal de uma comunidade de vivos, representação da acção transformadora do território por uma comunidade que aí se abriga, sob o elemento vigilante e omnipresente - a Morte.

BIBLIOGRAFIA:

- AAVV. 1982. "Carta de capacidade de uso dos solos (III-3)" in: *Atlas do Ambiente*, 1:100000, CNA, Lisboa.
- BUENO RAMIREZ, P. 1987. "Megalitismo en Estremadura: estado de la cuestión", in: *El Megalitismo en la Península Ibérica*, Madrid, Ministerio de Cultura, pp.73-84.
- CHAPMAN, R. W. 1981. "The Megalithic Tombs of Iberia", in: *The Megalithic Tombs of Iberia* [EVANS et alii, 1981], pp.93-106.
- CRUZ, D. J. da 1988. "O Megalitismo do norte de Portugal" in: *Actas do Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, Porto, pp.15-65.
- CRUZ, D. J. da 1992. *A Mamoa 1 de Chã de Carvalhal (Serra da Aboboreira)*, F.L.U.C., Instituto de Arqueologia, Coimbra.
- CRUZ D. J. da & VILAÇA, R. no prelo. "O Dólmen 1 do Carapito (Aguiar da Beira, Guarda): novas datações de Carbono 14", in: *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal"*, Mangualde, 20 a 22 de Novembro de 1992
- DELIBES DE CASTRO, G. & SANTONJA, M. 1986a. *El fenómeno megalítico en la Provincia de Salamanca*, Ediciones de la Diputación de Salamanca, serie Prehistoria & Arqueologia 1, Salamanca.
- FERREIRA, A. Brum 1978. *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira*, Memórias do Centro de Estudos Geográficos, 4, Lisboa.
- JANSSEN, C.R. & WOLDRINGH, R.E. 1981. "A preliminary radiocarbon dated pollen sequence from Serra da Estrela, Portugal", in: *Finisterra*, XVII, 32, pp.299-309.
- JORGE, S.O. 1990. "A consolidação do Sistema Agro-Pastoril", in: *Nova História de Portugal. 1., Portugal das origens à romanização*, Ed. Presença, Lisboa, pp.102-162.
- JORGE, V. O. 1987. "Megalitismo de Entre-Douro-e-Minho e de Trás-os-Montes (Norte de Portugal): conhecimentos actuais e linhas de pesquisa a desenvolver" in: *El Megalitismo en la Península Ibérica*, Ministerio de Cultura, Madrid, pp. 111-125.
- JORGE, V. O. 1986. "«Monumentalização» e «Necropolização» no megalitismo europeu", in: *Trab. Antrop. e Etnol.*, XXVI (1-4), Porto, pp.233-237.
- JORGE, V. O. 1989. "Arqueologia social dos sepulcros megalíticos atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais", in: *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol.VI, Porto, pp.365-443.
- JORGE, V. O. 1990. "Progressos da investigação pré-histórica no norte de Portugal nos últimos doze anos: O exemplo da Serra da Aboboreira e do seu megalitismo" in: *Actas do I Colóquio "Arqueologia Hoje"*, Faro, pp.14-37.
- KALB, P. 1987. "Monumentos megalíticos entre Tejo e Douro" in: *El Megalitismo en la Península Ibérica*, Ministerio de Cultura, Madrid, pp. 95-109.
- LEISNER, V. & RIBEIRO, L. 1968. "Die Dolmen von Carapito" in: *Madridrer Mitteilungen*, 9, Madrid, pp. 11- -62.
- MOITA, I. 1966. "Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta" in: *Ethnos*, V, Lisboa, pp.189-297.

- SENNA-MARTINEZ, J.C. 1989a. *Pré-História recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições, para um modelo sócio cultural*, Tese de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, F. L. Lisboa, 3 Vol. policopiado.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. 1989b. "O Megalitismo da Bacia do Médio e Alto Mondego: uma primeira proposta de faseamento" in: *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, pp. 83-97.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. no prelo a. "O povoamento calcolítico da bacia do Médio e Alto Mondego: algumas reflexões" in: *Origens, estruturas e relações das culturas calcolíticas da Península Ibérica*, 1^{as} Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras, 3-5 de Abril de 1987.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. no prelo b. "O sítio de habitat do Ameal-VI, alguns resultados das campanhas 1(1987) a 3(1989)" in: *Actas do II Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. no prelo c. "The Late Prehistory of Central Portugal: a first diachronic view", in: KATINA, T. Lillios, ed. *The Origins of Complex Societies in Late Prehistoric Iberia*, International Monographs in Prehistory.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. no prelo d. "Megalitismo, habitat e sociedades: a bacia do Médio e Alto Mondego no conjunto da Beira Alta (c. 5200-3000 BP)", in: *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal"*, Mangualde, 20 a 22 de Novembro de 1992.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & AMARO, R.M. 1987a. "Orca do Outeiro do Rato" in: *Informação Arqueológica*, 8, Lisboa, pp. 99-101.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & AMARO, R.M. 1987b. "Campaniforme tardio e inícios da Idade do Bronze na Orca do Outeiro do Rato, Lapa do Lobo: nota preliminar" in: *Da Pré-História à História: homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*, Editorial Delta, Lisboa, pp. 265-271.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & VALERA, A.C. 1987. "A Orca de Pramelas" in: *Informação Arqueológica*, 8, Lisboa, pp.107-108.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & VALERA, A.C. 1989. "A Orca de Pramelas, Canas de Senhorim" in: *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, Viseu, pp. 37-50.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & VENTURA, J.M. 1994. "A Orca dos Fiais da Telha: a campanha 2(1987)" in: *Informação Arqueológica*, 9, Lisboa, pp.86-87 e 95-96.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & VENTURA, J.M. no prelo a. "A Orca dos Fiais da Telha: a campanha 3(1988)" in: *Informação Arqueológica*, 10, Lisboa.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & VENTURA, J.M. no prelo b. "A Orca I do Ameal: a campanha 1(1989)" in: *Informação Arqueológica*, 11, Lisboa.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & VENTURA, J.M. no prelo c. "A Orca de Santo Tisco: resultados preliminares", in: *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal"*, Mangualde, 20 a 22 de Novembro de 1992.
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J.M. & DELGADO, P.M. 1987. "A Orca dos Fiais da Telha" in: *Informação Arqueológica*, 8, Lisboa, pp.101-103.
- SILVA, Fernando Augusto 1989 "O megalitismo da bacia do Arda (concelho de Arouca) e o seu relacionamento com o meio físico: contribuição para o estabelecimento de um modelo explicativo locacional" in: *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, pp. 99-110.
- SILVA, Fernando Augusto 1993. "Megalitismo e Tradição Megalítica no Centro-Norte Litoral de Portugal: breve ponto da situação", in: *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, Trab. Antrop. e Etnol.*, XXXIII (1-2), Porto, pp.93-125.
- RENFREW, C. 1983. "The Social Archaeology of Megalithic Monuments", in: *Scientific American*, vol. 249 (5), New York, pp.128-136.
- RODRIGUES CASAL, A.A. 1990. *O Megalitismo: A primeira arquitectura monumental de Galicia*, Univ. de Santiago de Compostela.
- TEIXEIRA, C. et alii 1961. *Notícia explicativa da folha 17-C, Santa Comba Dão*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- VALERA, A.C. 1993. "Diversidade e relações inter-regionais no povoamento calcolítico da bacia do Médio e Alto Mondego", in: *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, Trab. Antrop. e Etnol.*, XXXIII (3), Porto, pp.153-176
- VENTURA, J.M. 1993. "Novos Monumentos Megalíticos no Concelho de Carregal do Sal, Viseu: notícia preliminar", in: *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Ed. Colibri, Lisboa, pp.9-21.

- VENTURA, J.M. 1995. "A Orca 2 do Ameal, Carregal do Sal: resultados preliminares", in: *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Porto, Vol. V, pp.47-62.
- VENTURA, J.M. no prelo a. "A Orca 1 do Ameal: resultados preliminares da campanha 1(989)", in: *Actas II Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu.
- VENTURA, J.M. no prelo b. "A Orca 1 do Ameal, Carregal do Sal, Viseu", in: *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal"*, Mangualde, 20 a 22 de Novembro de 1992.